





TEOLOGIA DE
<RE>
EXISTÊNCIAS

Temas em Teologia
Brasileira Contemporânea

Organização

Luis Fernando de Carvalho Sousa



SUMÁRIO

O PAPEL DAS MULHERES NA BÍBLIA, NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA E DAS MULHERES CRISTÃS NA CONTEMPORANEIDADE

Marília Chagas Cardoso

15

EVA E O DESEJO: REVISITANDO GÊNESIS 3 A PARTIR DA HERMENÊUTICA FEMINISTA CRÍTICA DE LIBERTAÇÃO DE ELISABETH SCHÜSSLER FIORENZA

Fernanda Copelli Vilas Boas de Almeida

45

PROTESTANTISMO E LIBERALISMO

Fernanda Formighieri

85

FÉ E NEGRITUDE: UMA PASTORAL ANTIRRACISTA A PARTIR DA TEOLOGIA NEGRA

Willian José Lima

119

**A RELIGIÃO COMO PRODUTORA DE SENTIDO:
UMA ABORDAGEM DE “TORTO ARADO” POR
MEIO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Luis Fernando de Carvalho Sousa

159

PARTICIPANTES

187

PLURAL

**QUERO FALAR DE MINHA ALEGRIA
EM CONHECER AS MONOGRAFIAS
PRODUZIDAS PELAS EX-ALUNAS:
MARÍLIA CHAGAS CARDOSO, FERNANDA
COPELLI VILAS BOAS DE ALMEIDA,
FERNANDA CARVALHO AZEVEDO
FORMIGHIERI E O EX-ALUNO WILLIAM
JOSÉ LIMA, DO TEMPO EM QUE LECIONEI
E COORDENEI O BACHARELADO EM
TEOLOGIA DA FACULDADE LATINO-
AMERICANA (FLAM), POR 7 ANOS.**

Nesse tempo, vi muitos outros trabalhos monográficos de qualidade, devido à competência de alguns e algumas docentes; à liberdade de reflexão acadêmica; e à ousadia criativa dos estudantes sempre dispostos ao diálogo necessário entre o que disse Jesus, o que diz a fé (teologia) cristã e o que diz o nosso tempo. Traço metodológico fundamental daquilo que chamamos Teologia evangélica latino-americana. Todavia, nenhum deles veio à publicação em uma obra tal como esta, e esse resultado se deve ao trabalho do perseverante e dinâmico professor Luis Fernando de Carvalho Souza. Coube a ele animar as e (o) estudantes, e

organizar os trabalhos e contatos para a editoração da obra, possibilitando a sua leitura a você, leitor e leitora.

É a sua atenção, leitor e leitora, que eu quero chamar para dois aspectos importantes desses textos. Um deles é a representatividade de gênero, como se diz hoje. Você lerá 5 textos, dos quais 3 deles foram produzidos por mulheres. O fato delas serem a maioria na produção de monografias teológicas ao fim de um bacharelado em Teologia é muito significativo – as mulheres evangélicas, de fato e finalmente, assumindo o protagonismo na produção teológica brasileira -, e esperançoso (talvez não para todos e todas) – isso pode animar outras mulheres evangélicas a fazê-lo. Mas, há algo mais. Elas não retomam os velhos e seculares temas teológicos, como repetidoras das tradições veneráveis, como muito da educação teológica é entendida em boa parte do Brasil, América Latina e do mundo que foi campo de missão dos países ocidentais. Absolutamente! Vejamos por que?

Marília Chagas Cardoso conseguiu reunir as corajosas mulheres/líderes, cujas histórias são lembradas nos textos bíblicos; as mulheres que lutaram pela independência da Bahia; e as mulheres que atuam politicamente na sociedade brasileira atual, propondo uma Teologia da anomia, com base na teoria da anomia de Pierre Bourdieu, até nos convencer que a atuação das mulheres, em que campo que seja, sempre exigirá uma negação da ordem dominante, inclusive a eclesial e teológica evangélica.

Fernanda Copelli Vilas Boas de Almeida se dedicou à análise bíblica de Gênesis 3, contextualizando a metodologia hermenêutica crítica feminista de Elizabeth Schüsler-Fiorenza, demonstrando habilidade na sua apropriação e na sua contextualização na realidade brasileira, e, para isso, usando como lugar de diálogo interdisciplinar a psicanálise e a teoria freudiana do desejo. Ela nos faz pensar que não há nada de errado com o fato de Eva haver desejado o conhecimento, a maneira como a mulher usa o conhecimento -dialogante e convidando seu parceiro ao debate -, diferentemente deste – impositivo e negador da fala da mulher. Assim, ela argumenta, biblicamente, que ambos, homem e mulher, são igualmente parceiros e companheiros na busca do conhecimento.

Fernanda Carvalho Azevedo Formighieri traz uma fala desafiadora para os tempos que vivemos: a contribuição do protestantismo para a construção de uma sociedade pautada por valores liberais e, ainda mais, a revalorização de uma sociedade liberal e democrática desde um protestantismo renovado a partir desses valores. O fato de vivermos uma época de tanto obscurantismo – outra idade das trevas – em meio a tanta tecnologia da informação (IA), demonstra que os valores humanos nunca foram tão necessários, pois somente eles impedirão que os homens escravizem os outros homens para fazer valer uma visão econômica capitalista. Por isso, seu argumento não foge de nossas ações e responsabilidades políticas atuais, pedindo ao protestantismo que volte a ser o que ele sempre foi: o lugar de afirmação do valor do humano em sua plena liberdade perante Deus e a sociedade.

A seguir, você lerá outros dois textos. Um de autoria de William dos Santos Lima, que já nos provoca com a primeira frase: “Existe racismo no Brasil?” Ele coloca em diálogo alguns intelectuais negros e negras brasileiros, que trazem substancial contribuição para nosso conhecimento e compreensão da história escravizadora do povo negro desde o começo da nossa sociedade. Com o recurso à Teologia Negra, de James Cone, ele argumenta sobre o papel da Igreja (a Teologia evangélica de missão, na América Latina, que alguns chamam de Teologia da Missão Integral, diria: a missão da Igreja), não apenas em lidar com essa história, mas também com suas consequências políticas, sociais, religiosas, econômicas e culturais, e outras mais, para a inclusão definitiva e igualitária dos ex-escravizados e seus descendentes na sociedade brasileira atual. É um chamado à Igreja evangélica, sem dúvida, à luta por uma causa!

O último texto é do professor e organizador da obra: Luis Fernando de Carvalho Sousa, colocando em conversa o Princípio pluralista como método teológico-hermenêutico para acessar a compreensão do espaço e influência da religião no romance *Tórto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, ganhadora do Prêmio Jabuti. Em sua análise, ele argumenta como a religião desempenha uma função essencial de guia de uma pequena comunidade quilombola, ao mesmo tempo que se torna motivação para as lutas por melhorias educacionais e de respeito cultural e religioso, por si mesma, e não por comparação ou diferenciação de outra religião.

Claro, prezada leitora e leitor, que você não encontrará nesses textos monográficos uma plenitude de conhecimento, de informação, e de reflexão. Pessoalmente, tenho minhas críticas e sugestões, as quais não cabem neste lugar de escrita. Contudo, gosto de pensar neles como “seminais”, no sentido figurado, já se vê: eles conduzem novas criações, trazem novas ideias, inspiram a outras e outros a pensarem diferente da norma, do padrão. Como sementes, podem romper a terra na qual foram plantadas e gerar uma multiplicidade de frutos. Ou não! Mas há muita possibilidade de que isso aconteça com a publicação desta obra, e é nosso desejo que muitas e muitos se sintam animados a seguir esses caminhos. E que as autoras e autores vão adiante, não deixando que suas melhores ideias, ao fim de um período intenso de estudos teológicos, não desapareçam na beira do caminho; entre a concorrência com outras demandas da vida, da igreja e do ministério; ou, tão somente pela necessidade de ganhar o pão de cada dia. Sim, é preciso resistir sempre! Qualquer teologia mostra que é boa quando dá seus bons frutos, e para isso é preciso muito tempo até que eles venham. Que Deus abençoe o sucesso de vocês!

Sidney de Moraes Sanches
Campinas, janeiro de 2025



O PAPEL DAS MULHERES NA BÍBLIA, NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA E DAS MULHERES CRISTÃS NA CONTEMPORANEIDADE

Marília Chagas Cardoso

Tanto a representação das mulheres nos textos bíblicos subvertendo a lógica patriarcal, quanto a atuação das mulheres na busca pela independência da Bahia, ressaltam uma profunda interconexão entre autoridade e resistência. Figuras femininas da Bíblia, incluindo Deborah, Raabe e Maria, não apenas subvertem as convenções sociais de suas respectivas épocas, mas também emergem como personificações de liderança e valor. Como articula a historiadora Maria Clara

Bingemer (2015), “as mulheres bíblicas geralmente desempenham papéis centrais em narrativas que questionam a submissão”. Da mesma forma, as heroínas da Independência da Bahia, como Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa, abraçaram esses ideais, defendendo a liberdade e a equidade dentro de uma estrutura de subjugação. Neste texto, propomos investigar como essas mulheres, dentro das respectivas estruturas, transcenderam as restrições impostas e influenciaram a busca por autonomia e identidade, formando uma teologia própria (teologia da anomia).

Essas alegações são corroboradas pela escritora brasileira e teóloga Ivone Gebara, no livro *Caminhos para Compreender a Teologia Feminista*, na qual discorre sobre as desigualdades entre homens e mulheres. Vejamos:

As antropologias monoteístas sempre guardaram um fundo abstrato de igualdade e uma base histórica concreta de desigualdade e de hierarquias entre grupos e pessoas. Por isso, a desigualdade ontológica persiste quase como um fundamento antropológico indiscutível. A partir daí, a culpa de não ser perfeito ou a culpa de não ser o que Deus quer de nós tornou-se o tormento de muitos fiéis, sobretudo das mulheres. Há uma revolução em nossa percepção do mundo e de nós mesmas que parece crescer a cada dia e nos convida a ir além da limitada percepção patriarcal do mundo e além dos obsoletos androcêntricos e antropocêntricos. (2023, p. 101-103)

A análise proposta por Gebara serve como um fio condutor para explorar como essas mulheres, apesar das limitações impostas por sistemas patriarcais, têm sido agentes de mudança em suas respectivas épocas.

A crônica da civilização humana se distingue por discursos de autoridade e desafios, nos quais o arquétipo feminino frequentemente assume uma posição central, embora frequentemente negligenciada. Na narrativa bíblica, figuras como Déborah, Raabe e Maria subverteram as convenções sociais de suas épocas, exemplificando valor e governança em meio a períodos de turbulência. Essas mulheres não apenas moldaram a trajetória das histórias de suas comunidades, mas também deixaram legados que reverberam na sociedade contemporânea, contestando as normas de gênero e afirmando sua existência dentro de estruturas patriarcais e religiosas.

Ao mesmo tempo, a luta pela Independência do Brasil na Bahia, durante o início do século XIX, ressalta o envolvimento significativo de mulheres como Maria Quitéria, Soror Joana Angélica e Maria Felipa, que emergiram como figuras emblemáticas de resistência e empoderamento em meio a um ambiente de opressão e conflito. Elas não apenas enfrentaram dificuldades em um contexto de guerra, mas também contestaram as normas sociais que restringiam a participação de mulheres no domínio público. O valor exibido por essas heroínas significa a perpetuação das contínuas lutas

pela liberdade e igualdade que persistem a ressoar nos discursos atuais sobre gênero e direitos das mulheres.

Assim, pretendemos homenagear as mulheres que, ao longo da história, romperam preconceitos e discriminações, desafiando um mundo predominantemente masculino e colocando suas vidas em risco em nome de suas crenças. Em sociedades onde o papel da mulher era frequentemente relegado ao domínio doméstico e à procriação, essas mulheres extraordinárias se destacaram, recusando-se a submeterem-se ao patriarcado e à opressão.

A Bíblia Sagrada é repleta de figuras femininas notáveis, que desafiaram sua invisibilidade e o sistema religioso vigente. Débora, por exemplo, profetisa e juíza, que liderou o povo de Israel sob a palmeira de Débora, convocando os israelitas à luta contra o rei Jabim e, com a ajuda de Deus, derrotando o exército cananeu (Jz 4:4-24); Raabe, a prostituta que escondeu os espiões enviados por Josué, fez um pacto de salvação para sua família e é lembrada na galeria dos heróis da fé, além de fazer parte da genealogia de Jesus (Hb 11:31; Mt 1:5); Maria, mãe de Jesus, aceitou com coragem seu papel como a mãe do Salvador, estando presente em sua vida desde o primeiro milagre até sua ascensão aos céus (Lc 1:38; Jo 2:1-11).

Da mesma forma, as heroínas da luta pela Independência da Bahia e do Brasil, como Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa, também se tornaram ícones de bravura e resistência, inspirando mulheres no século XXI. Maria Quitéria, que se

disfarçou de homem para alistar-se no Exército, lutou bravamente contra os portugueses (AZEVEDO, 2017). Joana Angélica, ao tentar impedir a entrada das tropas portuguesas no Convento da Lapa, se tornou a primeira mártir da independência (BUARQUE DE HOLANDA, 1986). Maria Felipa, escrava alforriada, liderou um grupo de mulheres na Ilha de Itaparica, atacando as embarcações portuguesas (VIEIRA, 2019).

Embora a Bíblia tenha sido escrita em uma sociedade patriarcal, frequentemente é apontada como incentivadora da subordinação das mulheres ao longo dos séculos. Apesar dos debates em curso sobre o tema, observa-se uma escassez de materiais que sistematizem de forma acadêmica o papel das mulheres na Bíblia. Este artigo visa contribuir para essa discussão, estimulando uma leitura mais atenta dos textos bíblicos em sincronia com eventos históricos, destacando a proeminência das mulheres, e desafiando a interpretação que reduz sua participação a um papel submisso. Assim, busca-se fugir de leituras pré-condicionadas e trazer à tona as histórias de resistência e empoderamento feminino que são essenciais para entender o papel das mulheres em contextos históricos e teológicos.

Desse modo, busca-se explorar a intersecção entre os papéis das mulheres na Bíblia e na luta pela independência da Bahia, enfatizando os desafios enfrentados em seus respectivos contextos históricos e lançando luz às experiências contemporâneas de